

Última esperança contra o desemprego

Preocupados com o aumento da concorrência, trabalhadores fazem cursos de qualificação para conquistar espaço no mercado

Igor Germano
Da equipe do **Correio**

Depois de perder tempo em filas, distribuir uma pilha de currí-

culos, passar por entrevistas e, no final, encontrar todas as portas fechadas, só existe uma alternativa para os desempregados brasileiros: continuar tentando e, se possí-

vel, investir na própria educação. Pessoas que sentem na pele as consequências do vaivém da economia acabam aprendendo na prática uma das leis básicas do mercado. Quando há falta de vagas, o emprego fica com os mais qualificados.

A procura por cursos que podem melhorar as chances de conseguir trabalho tem aumentado em todo o país. Como a maioria dos desem-

pregados tem pouco ou nenhum dinheiro de sobra para investir na própria formação, o poder público acaba sendo a única alternativa.

EXPECTATIVA

Diploma na mão, a maior dificuldade enfrentada pelos alunos formados nesses cursos é a distância entre a expectativa de conseguir em pouco tempo um emprego e a realidade dura do mercado de

trabalho, que vem apresentando taxas recorde de desemprego.

"Hoje em dia, ganha emprego quem sabe mais", resume a secretária Rosimar Fonseca, de 26 anos, desempregada há sete meses. "Para conseguir uma vaga, é preciso ter cada vez mais cursos". Ciente dessa realidade, Rosimar separou R\$ 259 do seguro-desemprego para pagar um curso particular de operadora de microcomputador.

Ela tentou se matricular em cursos de computação oferecidos pelo governo, mas as turmas já estavam lotadas.

"Em relação a emprego, ainda não tive resultados com o curso que acabei de concluir", lamenta a secretária. Para o futuro, ela pretende aprender a dirigir e fazer um curso de inglês. "Mais para frente, penso em entrar numa faculdade", sonha Rosimar.



A secretária Rosimar Fonseca, 26 anos: sem emprego, mesmo depois de concluir um curso de computação

Curso não garante contratação

Em São Paulo, dos 270 mil trabalhadores treinados por programas estaduais no ano passado, 40% estavam desempregados, 41% tinham um emprego e buscavam melhor qualificação e 19% — principalmente pessoas muito jovens ou muito velhas — não faziam parte do mercado de trabalho e nem procuravam emprego.

Seis meses depois, dos 108 mil desempregados que concluíram algum curso, apenas 11,8 mil (11%) tinham conseguido um posto de trabalho. No grupo dos empregados que fizeram cursos, passados seis meses, 96% permaneceram empregados. Os dados se referem a uma parte dos alunos que concluíram os cursos (entre maio e junho) em 1997.

"Esses ainda são resultados preliminares da pesquisa que encomendamos", explica o coordenador de emprego da Secretaria Estadual de Trabalho de São Paulo, Alexandre Loloian. "É difícil afirmar se o número de pessoas que conseguiram emprego depois de concluir os cursos é alto ou baixo, mas diante do aumento do desemprego, acredito que os resultados sejam favoráveis."

No ano passado, o Programa Nacional de Qualificação do Trabalhador (Planfor), mantido com verbas do Ministério do Trabalho, treinou, em todo o país, 1,8 milhão de trabalhadores. De 1995 a 1997, de acordo com dados oficiais, o governo investiu R\$ 596,3 milhões em programas de treinamento de mão-de-obra.

Qualificação também é essencial para quem está entrando no mercado de trabalho. A estudante Rosimar Gomes Rodrigues, de 18 anos, que cursa o supletivo do 1º grau, luta desde o final do ano passado para conseguir um emprego, com o diploma do curso de secretária do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac) nas mãos. "O problema é que os anúncios do jornal sempre pedem mais cursos, além do que eu conclui."

ATUALIZADO

Também à procura de emprego, o programador visual Josias Júnior, de 28 anos, conta que já fez vários tipos de cursos — particulares e oferecidos pelo governo — e garante que, para se manter no mercado, é preciso estar sempre atualizado. "Fiz curso de quatro meses no Senai (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial), passei um mês e meio fazendo cursos de computação básica no projeto Saber (coordenado pela secretaria de Trabalho do Distrito Federal) e estou assistindo aulas de computação gráfica em escola particular."

Há quatro anos, a conclusão de um curso abriu as portas do mercado de trabalho para o bombeiro hidráulico João Cândido Lopes, de 27 anos. "Eu já trabalhava como autônomo, mas com o diploma do Senai foi mais fácil conseguir emprego", explica João, que cursa a 5ª série do 1º grau. Ele foi demitido há três meses e ainda não encontrou outra vaga, e já pensa em fazer

um curso de instalação elétrica, para aumentar as chances de conseguir trabalho.

"Pouquíssimas pessoas que fazem cursos de qualificação conseguem emprego de imediato", afirma o secretário de Trabalho do Distrito Federal, Ivan Guimarães, que tem pela frente o desafio de ajudar a criar postos de trabalho para 159 mil desempregados.

Para o secretário de Emprego e Relações de Trabalho do estado de São Paulo, José Luiz Ricca, em alguns casos, a qualificação profissional pode transformar desempregados em empreendedores. "Qualificar não emprega, mas dobra a possibilidade de arranjar emprego", diz Ricca. O secretário de Trabalho e Ação Social do Rio de Janeiro, Marco Antônio Maranhão, acredita que os cursos são a única esperança do trabalhador de, no futuro, poder se reinserir no mercado.

Nem todos os estados têm investido bem o dinheiro destinado ao Planfor. Os governos estaduais do Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo estão sendo responsabilizados pelo governo federal pelo fraco desempenho dos programas de requalificação profissional bancados com recursos do Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT) nos últimos três anos. Os secretários de Trabalho desses estados se defendem, afirmando que em alguns casos o dinheiro foi mal aplicado porque chegou muito tarde ao seu destino.

ANÁLISE DA NOTÍCIA

AS CONTAS NÃO ESPERAM

O ministro do Trabalho, Edward Amadeo, tem defendido duas estratégias para reduzir as taxas de desemprego no país: reformar a legislação trabalhista e aumentar a "empregabilidade do trabalhador".

Enquanto isso, por falta de alternativas, milhões de desempregados são empurrados para o mercado informal. Os que podem procurar fazer cursos para melhorar as chances de conseguir uma vaga e, assim, aumentar o seu "grau de empregabilidade".

Enfraquecidos pela dificuldade de conseguir dinheiro, desem-

pregados que acabam de concluir cursos de qualificação retornam ao mercado com a esperança renovada. Mas, como as taxas de desemprego continuam aumentando, mesmo com os diplomas debaixo do braço as portas permanecem fechadas.

Isso porque a baixa qualificação da mão-de-obra é apenas uma das explicações para o aumento do desemprego. Enquanto o crescimento da economia estiver contido por uma política de juros altos e restrições ao crédito, a taxa de desemprego deve continuar subindo.

Economistas prevêem que o

Produto Interno Bruto (PIB), que é a soma de todas as riquezas produzidas pelo país durante um ano, deve crescer 1,5% no máximo em 1998, enquanto a população economicamente ativa (PEA), formada por todas as pessoas em idade e condições de trabalhar, deve crescer 2,5%.

Há mais pessoas entrando no mercado do que empregos sendo criados. Diante desse quadro, a única alternativa para quem está sem emprego é investir na própria qualificação. Difícil é conciliar a espera por uma vaga com os compromissos do dia-a-dia. As contas não esperam. (IG)